O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2010 - ANO XIII - Nº 164

EDITORIAL

No próximo dia 3 de outubro, trinta milhões de paulistas irão às urnas para escolher, além do Presidente da República, dois senadores, setenta deputados federais, noventa e quatro deputados estaduais e o governador de São Paulo.

Uma parcela significativa desses eleitores ainda não escolheu seus candidatos.

O importante é tomar cuidado na hora de escolher. Existem bons e péssimos candidatos vinculados à nossa cidade. É preciso que o eleitor tome algumas precauções como pesquisar o passado do candidato, o que ele defende, como age na vida pública ou na iniciativa privada, se responde a algum tipo de processo judicial ou se já esteve envolvido em escândalos.

Sites ajudam o eleitor a encontrar candidatos mais adequados. Depois de causar impacto ao criar novos espaços de discussão política via redes sociais como o twitter, facilitando a fiscalização das contas do governo e se transformando num mecanismo de arrecadação para as campanhas, a internet começa a dar sua contribuição para resolver um dos nós da democracia brasileira: o problema de informação causado pela profusão de concorrentes aos cargos proporcionais. A escolha de um deputado federal no estado de São Paulo pode ser ingrata. Para os paulistas, nestas eleições há, nada menos, que 1.243 nomes em disputa.

A afinidade com determinado partido, as indicações feitas por parentes e amigos do trabalho e o apoio de algum chefe político ao candidato estão entre as formas mais comuns de atalhos usados pelos brasileiros para decisão do voto.

Procure se informar e votar corretamente. Converse com outras pessoas e reflita sobre o seu papel na sociedade. Barre os fichas-sujas. A maioria dos eleitores não faz ideia de em quem votou nas eleições anteriores. Este esquecimento impede as cobranças e a avaliação da atuação do escolhido. Pense nisso e procure escolher os mais capacitados. O futuro do município, do estado e do país depende de seu voto.

Foto Arquivo Pro-Memória

A Fundação Christiano Rosa vem trabalhando para a proteção e expansão de uma das mais importantes reservas de biodiversidade do planeta: a Mata Atlântica. Foto do Ribeirão do Sertão, em Piquete.

Fundação eleita para o CONSEMA

No último dia 9 de setembro, a Fundação Christiano Rosa (FCR) foi eleita para ocupar uma cadeira no Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONSEMA) de São Paulo, como representante das entidades ambientalistas.

Nesse Conselho, a Fundação estará bem representada pela arquiteta Ana Maria de Gouvêa, que reúne capacidade e experiência administrativa junto a órgãos do governo nas áreas de planejamento, projetos e meio ambiente.

O CONSEMA foi criado em 1983, por decreto do governador Franco Montoro, e serviu de embrião para a formação da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, à qual está hoje integrado. Foi concebido no contexto em que a discussão social de assuntos ambientais tornou-se urgente: poluição, destruição da Mata Atlântica, construção de usinas nucleares. Essas questões começavam a alarmar a sociedade, que, até então, se alienava dos assuntos relacionados ao meio ambiente.

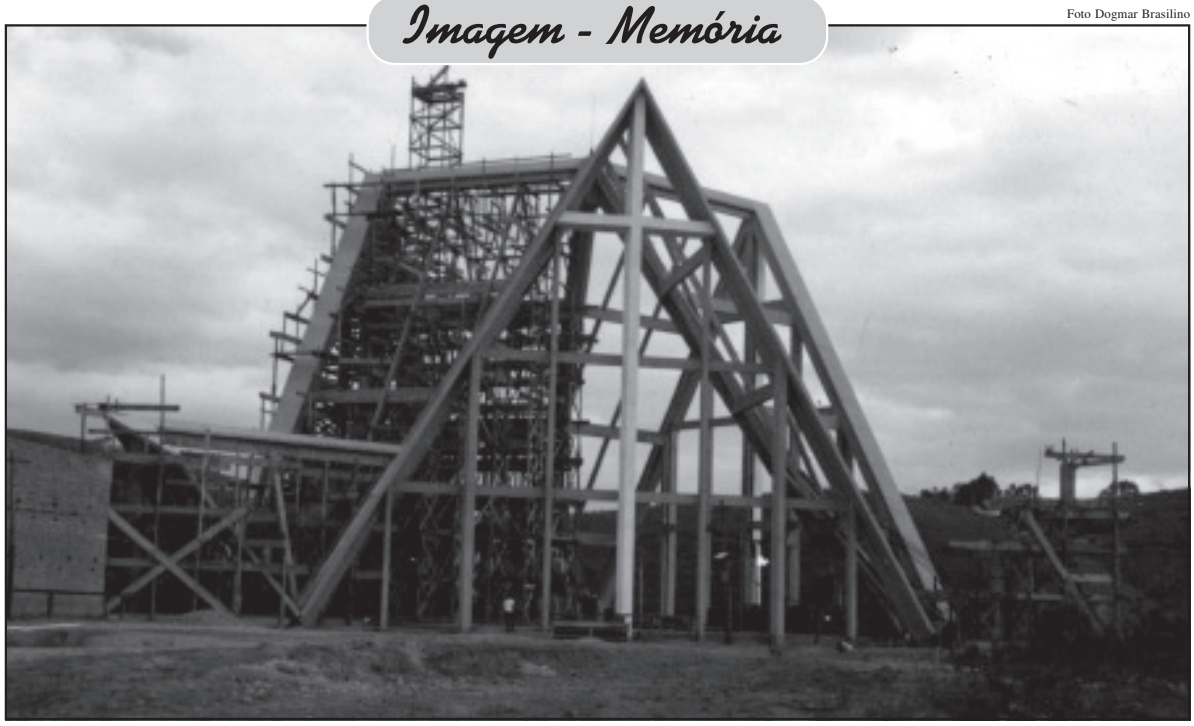
São amplas as atribuições desse Conselho, que vão da proposição, acompanhamento e avaliação da política ambiental no que se refere à preservação, conservação, recuperação e defesa do meio ambiente, passando pelo estabelecimento de normas e padrões, até a apreciação de Estudos e Relatórios de Impacto sobre o meio ambiente. Na verdade, o CONSEMA é um fórum democrático de discussão dos problemas ambientais e instância catalizadora de demandas e proposições de medidas que aprimoram a gestão do Estado nessa importante área. É, nesse sentido, um espaço de encontro do governo com os segmentos organizados da sociedade.

A composição do CONSEMA é paritária. Compõe-se de 36 membros: metade oriunda de órgãos do Estado e metade, da sociedade civil. O mandato é de dois anos e a presidência é sempre do Secretário do Meio Ambiente de Estado, que designa um Secretário Executivo.

Dos 18 conselheiros oriundos da sociedade civil, seis são representantes das ONGs ambientais cadastradas na Secretaria Executiva do Conselho. Anualmente, essas entidades se reúnem em assembleia e elegem o seis titulares e os seis suplentes para representá-los. Foi o que aconteceu no último dia 9 de setembro, quando a representante da FCR, Ana Maria de Gouvêa, foi eleita titular, tendo Jefferson Rocha de Oliveira, do Instituo Eco-Solidário, de São José dos Campos, como suplente.

Imagem - Memória

Foto Dogmar Brasilino



Inaugurada em janeiro de 1970, a nova matriz tornou-se patrimônio arquitetônico referencial de Piquete. É testemunha da história e de sua importância em nossa vida. É um bem espiritual, cultural e social, cujos valores são insubstituíveis. Foto tirada por Dogmar Brasilino em setembro/1968.

A Matriz de São Miguel

Não tem como escapar: quem visita Piquete, ao percorrer as ruas da cidade sempre volta o olhar para a Matriz de São Miguel Arcanjo. Muitas fotos são tiradas para registrar essa construção, seus vitrais e o campanário que se destacam na paisagem. Construção dos anos 60, o projeto do arquiteto Prometheu da Silveira, seu idealizador, chama a atenção pelas linhas arrojadas, com toques de ousadia. Quando sua maquete foi apresentada para apreciação da comunidade piquetense, tornou-se alvo de discussão entre alguns paroquianos que não a aprovavam por achá-la moderna demais. No entanto, com o passar do tempo, a nova igreja caiu no agrado da população e está aí, sem nenhuma "rival" na região no que diz respeito à arquitetura.

Desde os anos 40, a população de Piquete almejava a construção de uma nova igreja matriz. A obra viria substituir a antiga, do século XIX, que já não oferecia condições para abrigar o crescente número de fiéis. Paróquia pobre, foi graças ao esforço, generosidade e trabalho dos fiéis que se comprou um terreno para sua edificação.

Em 1960, o arquiteto Prometheu da Silveira, em visita a Piquete, foi abordado no Cassino dos Oficiais, na Vila da Estrela, por um grupo liderado pelo Dr. José Amoroso, que lhe pediu para projetar uma nova igreja matriz para a cidade.

Poucas vezes um profissional recém-formado teve oportunidade de executar um projeto tão importante para uma comunidade. Após conhecer o terreno adquirido para a obra e de posse das plantas do lugar, propôs trabalhar sem ônus para a comunidade. A forte imagem que lhe ficara quando da visita ao terreno, as condições topográficas do lugar e os significados culturais e simbólicos da religião católica determinaram o desenho do edifício: um tetraedro (poliedro regular, em forma de pirâmide, com quatro faces triangulares iguais). A planta do terreno, também triangular, dominada pelo número três, místico por sua conotação religiosa: fé, esperança e caridade – Pai, Filho e Espírito Santo.

Os primeiros estudos do conjunto – matriz e casa paroquial – foram apresentados em Piquete e aprovados pelo bispo diocesano Dom José Melhado de Campos. A disposição do terreno permitiu a implantação de uma praça ampla e fronteiriça ao templo, com dois acessos: pela rua Coronel Luiz Relvas e pela avenida 15 de Março, com entrada ao lado do Pórtico da FPV. O desenvolvimento do projeto se processou buscando atender ao imperativo das normas a que um edifício religioso deve satisfazer, bem como às implicações das acomodações da Casa Paroquial, como residência do pároco, e da escola primária que seria implantada, conforme solicitação da Comissão Construtora da Matriz.

A estrutura dominante – vigas convergentes no vértice do tetraedro – e as interpretações dos planos da cobertura e das faces verticais do sólido induzem a atenção para o alto; a simplicidade da ornamentação – a cruz, símbolo do sacrifício de Jesus, o altar em mármore em forma de cálice, o sacrário com a lâmpada votiva, presença constante d'Ele, e a imagem de São Miguel, escultura do professor César Dória, formam um conjunto harmônico, de leitura simples e marcante para os fiéis. O fundo negro entonado do azul dos vitrais cria a atmosfera propícia à introspecção e ao encontro em cada participante da liturgia com sua fé.

O arquiteto Prometheu da Silveira não pôde acompanhar a construção desse templo. A tarefa coube ao engenheiro militar major Pitta Xavier, que fez algumas modificações no projeto original em função de imposições do Concílio Vaticano II (1962-1965). A recomendação era para que os templos evitassem excessos de decoração e pompa. Com essa maior liberdade, a arquitetura moderna religiosa foi aceita totalmente na década de 70. O projeto do arquiteto Prometheu da Silveira estava afinado com a orientação da Santa Sé.

Para a edificação da nova igreja matriz de São Miguel Arcanjo houve grande mobilização dos paroquianos. Dessa forma, o templo foi erguido em tempo recorde. Foram muitas quermesses, rifas, carnês e doações. Inaugurada em janeiro de 1970, a nova matriz tornou-se patrimônio arquitetônico referencial de Piquete. É testemunha da história e de sua importância em nossa vida. É um bem espiritual, cultural e social, cujos valores são insubstituíveis.

GENTE DA CIDADE

D. Carmem Marques

Vivacidade e boa memória são atributos que dona Carmen de Oliveira Marques tem de sobra. Aos 93 anos de idade mantém-se ativa e antenada ao movimento de sua casa. Preocupa-se com tudo e com todos. Emociona-se quando fala da família.

Filha de Benedito Custódio de Oliveira e Clotilde Magalhães de Oliveira, D. Carmem nasceu em Piquete, na antiga rua Dr. Américo Brasiliense, hoje Major Carlos Ribeiro, em 16 de julho de 1917. O casal teve nove filhos, sendo ela a mais velha das meninas.

Num exercício de memória, recorda-se do Piquete de sua infância: "a cidade era muito pequena, com poucas ruas, de maneira que todos se conheciam". Fala das brincadeiras de pular corda, de roda e de jogar pinhão, e dos vizinhos: Seu Modesto, o boticário, que socorria a todos com seus remédios; Seu Maximiano Diniz de Oliveira, seu padrinho, Tomé Serafim e Genoveva, Nhô Encarnação e Juju, Vidinho e Adelaide Coelho; Carrinho Ribeiro e Nena; Zé do Bar e Aurora...

Frequentou o Grupo escolar de Piquete, na rua Coronel Luiz Relvas, cujo diretor na época era o professor Luiz de Castro Pinto. Foi aluna das professoras Celina Guimarães e Durvalina Brito. Alegre, conta que, recentemente, recebeu a agradável visita de duas colegas de escola: Idalina e Virgínia, moradoras do Portão da Limeira.

Conta que a vida era dura; os pais trabalharam muito: foram donos de padaria, bar e venda. "Eu e meus irmãos ajudávamos no dia-a-dia".

D. Carmem cita dois fatos importantes de sua infância: o primeiro, a inauguração do Cine Glória, ao lado de sua casa, em 1926. A rua Américo Brasiliense, então a principal da cidade, ganhou maior movimento. Tornou-se ponto de encontro e de passeio de famílias e namorados. Com isso, aumentou, também, o movimento na padaria de seu pai. O segundo foi a Revolução de 1932: "De repente, as ruas se viram tomadas por tropas... Alguns prédios foram ocupados por soldados. O Cine Glória tornou-se hospital de campanha. As famílias ficaram com medo e se refugiaram pricipalmente no Itabaquara... Eu e minha família fomos para uma casa na Vila da Estrela arranjanda pelo Ismael, meu namorado na época, que trabalhava no Cassino dos Oficiais", relembra. Semanas depois, acostumada com os soldados paulistas a população retornou para suas casas. D. Carmem conta, ainda, que sua mãe trabalhou muito para os soldados constitucionalistas – "Vez ou outra apareciam em casa dizendo: pegamos umas penosas para a senhora fazer para nós... e ela fazia". Por essa época, seu irmão mais velho, João, fazia o correio para São Francisco dos Campos e Delfim Moreira, o que deixava a mãe preocupada. Com o desenrolar da Revolução e o avanço das tropas de Getúlio, os soldados paulistas deixaram Piquete. Novamente muitas famílias deixaram a cidade às pressas levando seus pertences em carroças e carros de bois. Dona Carmen e família foram para a fazenda do Sr. Vilela. Terminada a Revolução, tudo voltou ao normal.

"Diversão boa era ir ao Campo do Estrela, aos domingos... Eu tinha muito orgulho de meu irmão Orlando Siriri, que, junto com o Luiz de Barros, era considerado o melhor jogador."

Com os olhos marejados, conta que aos treze anos de idade conheceu o jovem Ismael Marques de Almeida. Namoraram 7 anos, tempo suficiente para que Ismael construísse uma casa no Largo da Matriz, ao lado da Casa Paroquial. O casamento foi celebrado pelo padre Septímio Ramos Arantes. Logo vieram os quatro filhos. O marido, religioso e trabalhador, foi congregado mariano, vicentino e um dos responsáveis pela reforma da Antiga Matriz. Aposentado da Fábrica, manteve por toda a vida uma loja de ferragens à rua Major Carlos Ribeiro. D. Carmem vive até hoje na mesma casa, rodeada pelas memórias da vida em família e das amizades colecionadas ao longo dos anos...

Soldados Constitucionalistas com os filhos do sr. Benedito Custódio de Oliveira, em julho de 1932

Jongo de Piquete no Rio de Janeiro

Atendendo a um convite do Ministério da Cultura, o Jongo de Piquete se apresentou nos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, no I Encontro da Diversidade – Independência da Cultura. A abertura desse evento aconteceu na noite de sábado, 04 de setembro, com a "Chegança Diversa", composta de um belíssimo cortejo pelas ruas daquele tradicional bairro carioca, que reuniu na Praça Cardeal Câmara diversos grupos culturais dos mais variados segmentos, para dar vida à festa. Houve participações do Frevo de Olinda, o Mamulengo Só Riso e o Maracatu Piaba de Ouro, de Pernambuco; os blocos Tá Pirando Pirado Pirou, Treme Terra e LGBT, do Rio de Janeiro; Bumba Meu Boi, do Maranhão; Grupo de Fandango Mandicuera, do Paraná; Nelson Triunfo e Jongo de Piquete, de São Paulo...

O Encontro da Diversidade foi promovido pelo Ministério da Cultura por meio da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

Na solenidade de abertura, o representante do Ministro da Cultura, Juca Ferreira, declarou aos participantes do Encontro: "Vocês estão aqui hoje para celebrar o que de mais bonito fazem em seus Estados. A diversidade cultural do Brasil é uma expressão presente cada vez mais no nosso dia-a-dia". Já o Coordenador da Diversidade Cultural do Rio de Janeiro, Marcos André, na ocasião representando o governador do estado, frisou que é preciso conhecer as outras tradições culturais presentes no Rio de Janeiro, pois muitos só conhecem o samba e desconhecem que sua origem está no Jongo, dança africana estabelecida no Brasil pelos escravos, que tem atravessado séculos como prova de sua força e vitalidade.

Esse Encontro da Diversidade, encerrado no dia 07 de setembro, permitiu a troca de experiências entre os diversos grupos de diferentes regiões do Brasil. E o Jongo de Piquete estava lá!

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Interações: lições para aprender

Lições são tiradas das experiências.

Várias lições nos foram dadas pela recente disputa da Copa Mundial de Futebol (junho-julho, 2010) na África do Sul, da chamada nação "arco-íris". Epíteto consagrado pela mídia de expressão dos tempos do apartheid (segregação racial) para indicar a heterogeneidade das etnias, cores das peles, tribos e componentes culturais. O espelho das mídias nos puseram face às especificidades do país de latitudes semelhantes às nossas, do outro lado do Atlântico.

E que para lá chegar, seja por via marítima ou aérea, precisamos dar uma volta em direção ao Equador; e de retorno, de oeste para leste. A razão é que por mar as correntes marítimas e os ventos circulam no sentido anti-horário, como é comum em todo o hemisfério sul. Por ar, seja pelos ventos, seja mesmo pelos arranjos comerciais, os voos se fazem pelos roteiros das companhias e seus interesses, que não discutiremos aqui.

Pelas imagens nos foi revelado um país cheio de contrastes: altos níveis de riqueza e de pobreza, até de pobreza absoluta, submetendo parte da população (a discriminada pela cor da pele) a menos de dois dólares mensais. População cujos brancos ricos preferem o rugbi, e os negros pobres, o futebol. No bairro do Soweto, próximo à metrópole de Johanesburgo, parte de sua periferia, a concentração de favelas é explosiva – várias revoltas aí têm-se dado, todas de resultados trágicos. País de três capitais: Pretória (administrativa), Bloefontain (judiciária) e a Cidade do Cabo (legislativa). Esta, principal porta de entrada, cidade moderna, bem equipada e decantada pela organização, limpeza e serviços urbanos.

De outro lado, observa-se pelo contexto histórico de longa duração que o Brasil e a África do Sul são países de formação colonial. Enquanto no Brasil predominou a colonização portuguesa, na África do Sul os colonizadores foram principalmente holandeses e ingleses. Daí ser um país bilíngue – africânes (dos boers, holandeses) e inglês, idiomas impostos no domínio colonial. Submetidas as tribos de predominância Zulu e Xhosa, os nativos sofreram discriminação e segregação racial e espacial – afastados para reservas, as chamadas "homelands", que originaram os bantustões, ou seja, as favelas. Nome este que generalizamos pelas semelhanças com as nossas, cuja origem também é devida à discriminação e consequente pobreza. O quadro demonstrado pelas mídias foi bastante enfático para contrastar na República Sul-africana as áreas ricas, habitadas predominantemente por brancos (dos tempos do apartheid, exclusivamente) e as áreas pobres (favelas) dos negros e mestiços.

Necessário também lembrar que no capítulo das complexidades, a República Sul-Africana é o país mais rico do continente. Possuidora de importantes riquezas minerais, foco das cobiças dos conquistadores – colonizadores. Mas também a de maior índice de afetados pela AIDS. Palco de muitas lutas, quer pelas sucessivas invasões estrangeiras, quer pelas lutas tribais de posse do território. Razões que levam muitas vezes ao generalizado preconceito sobre todo o continente, atribuindo-lhe ignorância, doença, guerras, fome e dependência. O que não é pouco. Mas a África, no seu todo continental, é muito variada. E nem todos são negros, mas a questão exige muito estudo.

Quanto ao futebol, no contexto global, reconhecem-se as marcas da modernidade: meninos – jogadores e já experimentados atletas visualizados pela mais eficiente técnica televisiva a demonstrar ações da descoberta, fama, dinheiro, conforto e tudo o mais que acompanha: mulheres disputadas entre as mais belas, violências, desastres e alguns dissabores causados pelos lados perversos das glórias. Lembranças dos tempos dos heroicos protagonistas das cenas de prestígio, satisfação e modelos para novas gerações. O que continuam sendo, acompanhados da corte de transversalidades problemáticas. Sucesso, fama e dinheiro muitas vezes desandam. Comportamentos patológicos na pós-modernidade pulverizam as verticalidades das hierarquias de mais velhos exemplos. É o que conclui, por exemplo, o psicanalista Jorge Forbes in O Estado de São Paulo (11-7-2010) para discutir as perdas de identidade em jogadores alienados, em "personalidades forjadas em um sentimento de ilimitação". Isto é, cidadãos isentos de culpas?

Dóli de Castro Ferreira

Tempo seco, tempo de queimadas

Todos os anos, durante o inverno, assistimos aos tristes episódios das queimadas que se alastram por quase todo o centro-sul do país. No tempo seco elas reinam na paisagem. Num ano, mais brandas, em outros, mais frequentes, como este de 2010.

Em Piquete, a Cidade Paisagem, praticamente em todo final de tarde somos surpreendidos com novos focos de incêndio nas encostas e morros, deixando calcinada a paisagem, emprestando-lhe um aspecto de abandono e descaso com a natureza.

A maioria desses incêndios é causada por ação humana. Muitos proprietários rurais, buscando renovar o pasto, que fica seco e duro, com poucos nutrientes para o gado, colocam fogo visando à rebrota da vegetação, que será bem mais nutritiva e palatável aos animais. O problema é que essas queimadas, muitas vezes, fogem ao controle e causam muitos estragos. Além de deixar o clima mais seco do que o normal, aumentando os índices de certas doenças, como as respiratórias, as queimadas colocam em risco toda a vida da região. As plantas que não forem resistentes aos incêndios irão morrer, assim como os animais. Cabe ao homem colocar a mão na consciência e atear fogo no mato apenas quando estritamente necessário e cuidar para que ele não se alastre. Dessa forma, além de salvar a vida silvestre, seriamente ameaçada, a população humana também será beneficiada com um clima não tão seco e a diminuição de doenças comuns à época. A criação de uma brigada contra queimadas no município e de um plano estratégico faz-se necessária.

Fotos arquivo Pro-Memória

São Miguel Arcanjo

A comunidade católica de Piquete comemora no dia 29 de setembro seu padroeiro, São Miguel Arcanjo. A Igreja Católica tem em alto conceito a devoção aos Santos Anjos. Acredita na sua existência, que é provada por muitas citações bíblicas, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Sabe e ensina que os anjos, como santos mensageiros de Deus, desempenham uma missão especial em nosso favor. São defensores do corpo e da alma em todos os perigos, principalmente na hora da morte.

Como um dos primeiros, senão o primeiro, e o mais eminente dos espíritos celestiais, os livros sagrados nos apresentam São Miguel. O profeta Daniel dá a São Miguel o título de Príncipe dos Anjos e a Igreja o enumera entre os arcanjos. Seu nome tem o significado de "Quem como Deus?", pois foi São Miguel que se pôs a frente dos anjos fiéis contra Lúcifer, o chefe dos anjos rebeldes, em defesa da autoridade de Deus. São Miguel, portanto, é um espírito guerreiro; arauto de Deus e

Reprodução

Príncipe dos exércitos celestiais. A arte cristã o apresenta como tal, em armadura brilhante, com lança e espada, em voo como de mergulho, precipitando-se sobre o dragão infernal, e, fazendo-o sentir o vigor do pé vitorioso, arremessa o demônio às profundezas do inferno.

Numerosas são as suas aparições registradas na história da Igreja. Seu nome é mencionado várias vezes no sacrifício da Santa Missa. No "Confiteor", o sacerdote dirige-se ao arcanjo São Miguel e invoca sua intercessão junto a Deus. Com o perfume do incenso, na missa solene é invocado seu nome. Ao Santo Anjo, isto é, a São Miguel, o sacerdote, logo depois da consagração, dirige-se com o pedido de levar o santo sacrifício ao altar sublime de Deus. Terminada a missa, rezada em uma oração especial, o povo pede a São Miguel que o defenda no combate, cubra-o com seu escudo contra os embustes e ciladas do demônio, precipite no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. São Miguel é, ainda, o patrono dos agonizantes, o guia das almas dos defuntos para o céu, como faz lembrar o texto do ofertório da missa de réquiem.

AC

Valor e Preço

Frequentemente a nossa memória nos alerta para acontecimentos que estiveram ligados ao desejo que o ser humano sempre teve de adquirir bens produzidos por povos distantes, por culturas diferentes.

Temos notícia da Rota da Seda, da Queda de Constantinopla pelos Turcos, das Caravanas, dos Homens do Deserto.

Também nos informaram de que "Cartago não era uma Pátria, era um empório"; de que "Veneza não dava satisfações ao Papa porque era por demais rica"; de como se ergueram Hong Kong e Cingapura.

Na esteira dessa atividade vão surgindo o escambo, a pechincha, o dinheiro, o imposto, o câmbio, a lei da oferta e da procura.

O comércio logo revelou as diferenças culturais. Mostrou que existiam povos que não teriam condições de defender-se de um assalto ou de uma guerra.

Logo a ambição falou mais alto e foram surgindo teorias espúrias que davam suporte à rapina.

Primeiro, "não existe pecado abaixo do Equador". África, América do Sul e Austrália foram tomadas de assalto.

Depois, nem o norte foi poupado. O Caribe, o México e o Canadá acendem a cobiça. Nos Estados Unidos índios e bisões (búfalos) são dizimados.

E não se pode ignorar a permissão para roubar – a Carta de Corso – "quem rouba de ladrão...". Os piratas invadem os mares e aguardam nas bocas das baías.

Avolumam-se as riquezas construídas com roubo e amalgamadas com sangue.

Foi por esse caminho que o homem introjetou a idéia de que tudo é mercadoria e de que tudo tem preço – inclusive o ser humano. E que quem tem o poder, "quem tem a força", é o dono do mundo.

Quando um índio xavante precisa de algo e quer fazer uma troca dentro da tribo, ele faz a oferta daquilo de que pode dispor. O outro índio, pelos costumes da aldeia, está a par de tudo o que o interessado possui; então verifica se ele está sendo justo e aceita o que ele pode dar em troca.

Isto é possível dentro de uma cultura que considera a sovinice o maior defeito do homem. Um xavante pão-duro pode até ser impedido de se casar.

Vivendo em uma época em que se compram votos, em que se compram adesões, em que se compram até silêncios, assalta a perplexidade: como educar a juventude? Que dizer a um filho ou a um aluno que ouve boa parte da sociedade dizer: "Todo homem tem preço – negociando, armando ciladas, acenado com vantagens, fatalmente chegaremos a ele"?

Tive um diretor que afirmava para quem quisesse ouvir: "eu sou louco por dinheiro; se o demônio se apresentar a mim, interessado na minha alma, eu negocio". Por isso, ninguém se surpreendeu quando ele fugiu levando todo o dinheiro da escola. Com certeza, onde quer que esteja, ele se justifica dizendo que levou o dinheiro que ele e os sócios haviam aplicado.

O ser humano não tem preço. O ser humano tem valor.

Dizem os cristãos que o homem vale tanto, que foi necessário o sangue do Filho de Deus para resgatá-lo.

Quando está chegando ao fim de sua estrada, o homem deve olhar para trás e perguntar: qual foi minha contribuição? Estou limpo ou meu nome está no SPC da vida?

Seria de bom alvitre que as disciplinas Sociologia e Filosofia fossem endereçadas ao ciclo básico dos cursos universitários.

Na adolescência, dos 13 (13) aos dezessete (17) anos, o aluno precisa inteirar-se dos valores de todas as culturas da humanidade. Precisa saber o que é ser gente. Se a miséria é justa. Como lidar com o crime. Por que a guerra não é substituída pela diplomacia.

Os nossos adolescentes devem estudar Lógica para aprender a pensar, e Antropologia Cultural para entender que uma criança de rua dever ser tratada com o mesmo respeito que atribuímos a quem acaba de receber o Prêmio Nobel.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

Fabulando...

Palmyro Masiero

Era uma vez, numa certa tarde, um governador de Estado – do jeito que anda a coisa, qualquer um serve – que rumava para uma riquíssima fazenda que não era de sua propriedade mas de onde não saía, quando avistou na curva de uma estradinha de terra um caipira de cócoras fumaçando seu pito.

A caravana de carro estancou, porque o governador parou. Fez questão de ir conversar um pouco com o matuto. Afinal, analfabeto vota e estamos em ano eleitoral.

– Boa tarde – cumprimentou a autoridade.

– Bás trade – respondeu o capiau, acompanhado do levantamento do chapéu de palha e do traseiro.

– O senhor me conhece?

– Cumu não, seo!

– Verdade? De onde?

– Da televisão.

– Ah, o senhor tem televisão?

– E não haverá de tê? Consegui numa barganha.

– E o que o senhor tem achado?

– Di quem? Du sor ou da televisão?

– De mim... como governador.

– Cum franqueza, falação dimais...

– É porque eu sou o governador do Estado.

– I só pur causa dissu é perciso tantu baruio?

– É que anuncio as obras que pretendo realizar.

– Issu num é obrigação?

– Meu dever é prestar contas do que vou fazer.

– Fazê recrame du qui vaia fazê é prestá conta?

– Claro! Para o povo saber para onde vai o seu dinheiro.

– Mais percisa di gastá tantu dinhero du próprio povu pra dizê u qui pensa di fazê sem preguntá prele si é issu quele qué?

O governador zangou-se. Falou bravo pra cima do caipira desaforado:

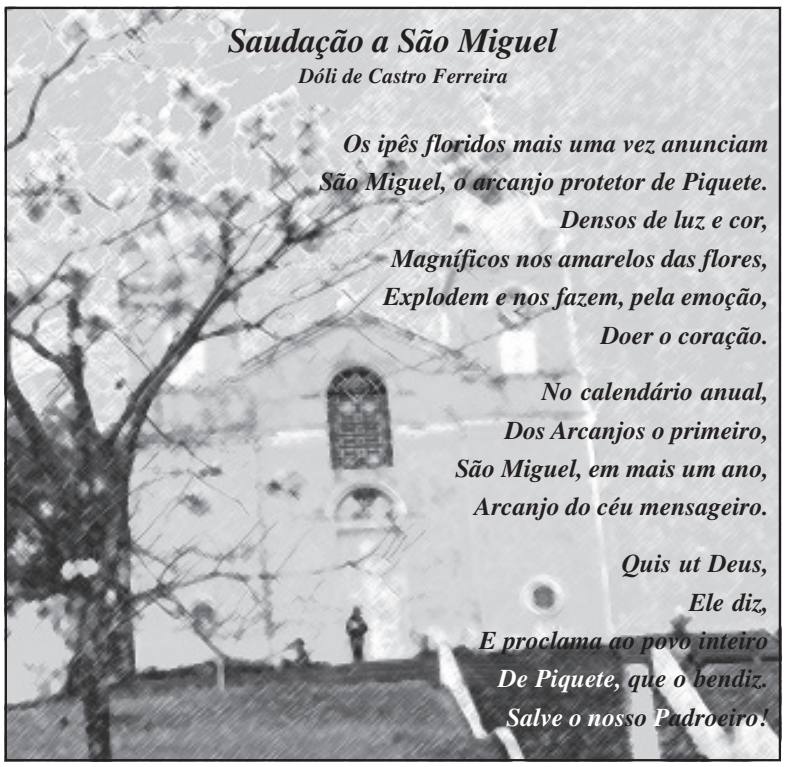
– Por acaso você faz alguma coisa que preste além de ficar aí de cócoras pitando?

– U pitu fui eu qui fiz... O fuminho eu qui prantrei nu meu roçado... Eu comu du qui pranto... Ganhu du qui vendu... Inda pur cima votei no sor. I nem purissu tô fazeno baruio!

O tal governador puxou o carro juntamente com a camarilha especialista em puxar.

Moral: Barulho com feitos inexistentes incomoda os que em silêncio provam.

****



Saudação a São Miguel

Dóli de Castro Ferreira

Os ipês floridos mais uma vez anunciam
São Miguel, o arcanjo protetor de Piquete.
Densos de luz e cor,
Magníficos nos amarelos das flores,
Explodem e nos fazem, pela emoção,
Doer o coração.

No calendário anual,
Dos Arcanjos o primeiro,
São Miguel, em mais um ano,
Arcanjo do céu mensageiro.

Quis ut Deus,
Ele diz,
E proclama ao povo inteiro
De Piquete, que o bendiz.
Salve o nosso Padroeiro!

Retalhos da Infância

Edival da Silva Castro

Bons tempos aqueles dos anos cinquenta. Menino ainda, minha melhor diversão era o quintal da casa localizada à Avenida Gomes Carneiro.

Levantava-me cedo, passava na despensa, enchia o caneco de milho e ia tratar dos galináceos. Depois, aproveitava a vasilha para recolher ovos. As galinhas chocas permaneciam deitadas. O galo, um china irrequieto, fica cocoricando com a minha presença, talvez para exibier sua fama de brigão.

Além das galinhas, dos patos e das angolas, tínhamos também um cão chamado Pinóchio, de tamanho médio, branco e amarelo, bom companheiro, um papagaio que só falava "dá o pé, loro" e algumas gaiolas com canários-do-reino.

O quintal era cercado por bambus, numa área de mais ou menos 10x30m. Ao fundo, no cunhal direito das cercas, uma troncuda goiabeira de frutos vermelhos destacava-se. Nela eu costumava ficar; subia num dos galhos para espiar de cima o vaivém das aves ou apanhar goiabas. Às vezes o Pinóchio não me dava sossego: latia, gania e queria estar comigo.

No meio do quintal havia um reservatório d'água de pequena profundidade, onde as aves matavam a sede e os patos, óbvio, nadavam... O que mais gostava de fazer era limpá-lo, mormente nos dias encalorados; aí tomava meus banhos também.

Quando na parte da tarde me encontrava na escola, tinha dia que ficava angustiado para que as aulas terminassem logo, a fim de poder passar na várzea do ribeirão Sertão e arrancar "tapuerava" para jogar às galinhas; papai sempre dizia que aquela espécie de planta era boa para lhes aumentar a postura.

Tinha manhã que, após recolher os ovos, escolhia dois maiores, num copo deitava as gemas e batia uma nutritiva gemada. As claras viravam pasta, às vezes lambuzava o queixo e a ponta do nariz, e elas nem chegavam a suspiros.

O quintal ocupava-me mais do que tudo. Quando alguma pipa o sobrevoava, eu não me importava, subia na goiabeira e lá do galho ficava espiando as aves mescladas, baralhadas.

Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

"Independência é para ser comemorada"

A Fábrica Presidente Vargas, sob a superintendência do Cel. Dias, promoveu, no dia 11 de setembro, no Memorial da Usina Rodrigues Alves, o "Independência é para ser comemorada", para celebrar o 7 de Setembro.

O evento constou de uma apresentação da Banda do 5º BIL (Batalhão de Infantaria de Lorena), que, sob o comando do subtenente Mestre de Música, Luiz Carlos Fernandes, animou os presentes com diversas composições. Durante a manhã foi possível apreciar, ainda, artesanato local e da região. Foram expostos quadros de Taninha Chaves, Dina Dias, Rosângela Molinari e Lúcio "Daqui" Meirelles, e diversos produtos das artesãs: Ia (Maria Ap. da Silva), Lola (Lenilde Marcondes), Elza Paulino, Cida Magalhães e Marlene Sardinha (do Fundo Social de Piquete), Getulinho e Márcia Ferreira, esta última de Delfim Moreira.

Levados por professore da Escola Estadual Prof. Darwin Félix, vários alunos prestigiaram o evento e puderam visitar o Memorial da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves.

A comemoração do dia da Independência demonstrou o espírito patriótico da direção da FPV, muito importante para o fortalecimento da empresa, e contou com a especial colaboração da Sra. Dina Dias, esposa do atual Superintendente da FPV.

Conjunto do Memorial da Usina Rodrigues Alves.

Escolhido para receber o evento "Independência é para ser comemorada", o Memorial foi idealizado pela FPV/IMBEL e pela Fundação Christiano Rosa, que recuperaram a antiga usina, de 1906, primeiro prédio construído para a Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, transformando-o num centro em que se pode conhecer a história da indústria que se instalou em Piquete há 101 anos, em 1909. Atualmente, dois novos locais restaurados compõem o que se tornou um conjunto histórico: a "Casa do Trem" e a "Casa do Filtro", em que podem ser vistos móveis históricos e utensílios do ramal férreo Lorena – Bemfica e da direção da Fábrica, respectivamente. Vale a pena uma tarde no local: é a história da FPV e de Piquete contada de forma didática e muito bem ilustrada.

Fotos arquivo Pro-Memória

A tradição das festas dos padroeiros

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Estive, no dia 12 de setembro, em Quilombo, para a festa de Nossa Senhora da Guia. Já havia mais de um ano que não ia até aquele bairro, local em que passei boa parte de minha infância e adolescência. É lá que estão muitas de minhas memórias de infância em família, com tios, tias e primos.

A festa da padroeira do bairro em que minha mãe nasceu era um esperado evento todos os anos. Na fazenda de meus tios reuniam-se várias gerações de primos para o "dia da festa". Por diversas vezes presenciei a produção das centenas de quilos de doces para a tradicional distribuição, que causava – e ainda causa – imensas filas. Era pra mim um privilégio ver os doces sendo preparados em fogões a lenha, em imensos tachos de cobre, na casa de meus tios, muitas vezes festeiros. A casa lotada, a roupa nova, o farto almoço com o bispo e os padres, o leilão de gado, os foguetes, a "barraca da festa" em que eu podia beber guaraná à vontade... Tudo está muito presente em minha mente e tornou-se ainda mais nítido depois dessa recente visita.

Em 2010, a festa continua animada... Mudaram, porém, o palco, os atores, a platéia... O tempo encarrega-se, sempre, dessas mudanças... A antiga casa-sede da fazenda já não conta mais com as tias e tios de antes, não recebe mais os primos, nem é mais lá que acontecem a produção dos doces e o almoço para o bispo... O que antes era um compromisso anual perdeu sua importância no calendário familiar. As prioridades agora são outras...

Voltando a Piquete, temos a festa de São Miguel. Assim como a do Quilombo, também já não conta com a mesma participação popular de anos atrás... Em ambas, porém, percebo a resistência da fé. Há décadas quase não há mudança na programação religiosa e são mantidos o respeito e a veneração aos padroeiros, seja no Quilombo ou em Piquete. É sinal de que alguns valores ainda se encontram enraizados na minha geração e na anterior. Tenho para mim que momentos como os passados no Quilombo são responsáveis por muito do que hoje sou. Por isso, penso ser essencial a perpetuação da valorização da família reunida. Sempre que possível um encontro deve ser realizado, seja para rever entes distantes, seja para reverência aos mais velhos ou aos mais novos, aos quais deve ser repassada a importância das tradições. Sem elas, juntamente com os anos, passam o respeito, o carinho, o amor aos que nos precederam.

PSDB ou PT

Estamos muito perto de viver mais um processo eleitoral no Brasil. No pleito a realizar-se no dia três de outubro, o povo brasileiro, ao que parece, irá se posicionar entre duas forças político-partidárias que têm se consolidado no país, praticamente bipolarizando o cenário político.

O PSDB é um partido que historicamente está ligado à redemocratização do país e possui em seus quadros grandes nomes e afamados intelectuais. Durante os anos que administrou o Brasil promoveu algumas mudanças importantes, mas atrelou o país a um sistema neoliberal radical, privatizando setores estratégicos e deixando a nação perigosamente vulnerável aos interesses do capital estrangeiro. Fez alianças políticas com partidos como o PFL, hoje DEM, que sustentou a ditadura militar e sempre representou as velhas oligarquias de direita, defensoras dos interesses das elites e contrárias às mudanças estruturais do estado que beneficiariam as classes mais populares, como, por exemplo, a reforma agrária. Por estas escolhas não muito felizes, mesmo que talvez tenham sido necessárias para a governabilidade na época, o PSDB tornou-se um partido pouco popular, visto como um partido da elite.

O PT possui lideranças que também foram de grande importância no processo de redemocratização do país, nasceu com a luta dos trabalhadores contra a exploração da mão-de-obra operária pelas elites patronais, sobretudo as multinacionais implantadas no país no seu processo de industrialização. Foi se aliando aos movimentos sociais, muitos originados nas comunidades eclesiais de base (CEBS) espalhadas por todo o país. Quando chegou ao poder, em 2003, tinha forte apoio das massas populares, ávidas por mudanças. Pela governabilidade, fez pactos com o PMDB, partido multifacetado e construído por lideranças políticas fortes regionalmente, muitas vezes interessadas apenas na manutenção dos poderes locais, sem um projeto ideológico para o Brasil. O governo do PT democratizou alguns programas sociais gerados no governo anterior, promovendo vigorosa distribuição de renda, tornou acessíveis aos pobres alguns benefícios que jamais haviam sido oferecidos pelo estado, como a educação universitária para os jovens, maior segurança alimentar, crescimento no poder aquisitivo, entre outros. O governo do PT proporcionou considerável desenvolvimento social à população de baixa renda, além de fazer progredir o processo de estabilidade econômica do país iniciado pelo governo do PSDB. Daí a alta popularidade e imagem de partido dos pobres atribuídas ao PT na atualidade.

Ao que indicam as pesquisas eleitorais, que não costumam falhar, teremos mais quatro anos de administração do PT no Brasil. Isso significa uma consolidação política democrática jamais vista em nosso país, com uma história marcada por tantos golpes de estado, e sinaliza que nosso povo tem se tornado mais exigente para com seus governantes. A capacidade dos governos e dos líderes políticos de gerarem benefícios sociais, cada vez mais será o fiel da balança a determinar os resultados das eleições. Este amadurecimento da criticidade do eleitorado possibilitará surgir novos quadros políticos, nem sempre pertencentes a partidos e grupos tradicionais, mas portadores do reconhecimento popular de suas capacidades de gerir o país em favor de toda a sua população.

Pe. Fabrício Beckmann

Atividades da Fundação Christiano Rosa

Foi realizada no dia 24 de agosto, no Sest-Senat, em Taubaté, uma oficina, em continuidade à atualização do Plano da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. A porção paulista da bacia foi subdividida em partes (compartimentos) para efeito de análise. O objetivo dessa oficina foi, por meio de um processo participativo, sentir o posicionamento dos atores locais (lideranças, sociedade civil, poder público municipal, estadual e federal, empresários e usuários de água) em relação à visão do compartimento onde atua. Foram abordadas questões sobre os usos múltiplos da água e temáticas a elas relacionadas (conflitos de uso da água, problemas com a qualidade e quantidade, preservação das águas e outros).

Houve um número de participantes acima das expectativas demonstrando o interesse da comunidade valeparaibana para com a bacia hidrográfica do Paraíba do Sul no trecho paulista. Durante a oficina foram tratados diversos temas e levantadas informações importantes segundo a visão dos atores sociais nela envolvidos.

A atualização do Plano de Bacia do Paraíba do Sul está sendo feita pela Fundação Christiano Rosa, tomadora de recursos junto ao Fundo Estadual de Recursos Hídricos – FEHIDRO. No período da manhã, após a abertura dos trabalhos feita pela arquiteta Ana Maria de Gouvea, da Fundação Christiano Rosa, os geólogos Edilson de Paula Andrade, do CBH-PS (Comitê da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul), e Dr. José Luiz Albuquerque Filho, do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), forneceram informações sobre o plano e os compartimentos. Em seguida, os participantes, juntamente com seus coordenadores, fazendo uso da metodologia do moderador Francisco Bezerra (Cacá), especialista na área, puderam apresentar suas conclusões sobre usos múltiplos da água, conflitos, ações necessárias para melhoria da quantidade e qualidade das águas nos compartimentos.

Fotos arquivo Pro-Memória